

Estão querendo atualizar a Bíblia!

AVALIANDO ESTA INTENÇÃO!

Introdução

Recentemente, uma polêmica ganhou as redes sociais com a potência de uma bomba de muitos megatons. Um conhecido pastor evangélico advogou, em um culto em sua igreja, a tese de que a Bíblia precisa ser atualizada, lida nas entrelinhas e não em sua literalidade, se é que desejamos mesmo entender o seu real significado para nossas vidas. Ele, então, citou alguns textos bíblicos que, supostamente, confirmam seu posicionamento. Em resposta, vários líderes evangélicos vieram a público, com a produção de vídeos e artigos em contraposição àquelas ideias.

Não resta a menor dúvida de que as Escrituras contêm alguns textos de difícil compreensão. Pedro, por exemplo, foi inspirado a registrar este fato quando escrevendo sobre as cartas de Paulo, disse as seguintes palavras: “suas cartas contêm pontos difíceis de entender, os quais os indoutos e inconstantes torcem, como o fazem também com as outras Escrituras, para sua própria perdição” (II Pe. 3:16).

Vamos mostrar que, no episódio aqui referido, alguns textos bíblicos foram usados indevidamente com a intenção de sustentar a ideia de que a Bíblia precisa ser atualizada e que este conceito, em verdade, baseia-se em uma leitura equivocada das Escrituras. Vamos aos fatos:

Uma leitura equivocada!

Nos primeiros tempos, mais precisamente quando o povo de Israel já era uma realidade, Deus se relacionou com Seu povo de dois modos distintos: como Deus e como rei. Em absoluta primeira mão, como Deus, Ele se relacionou não apenas com o Seu povo mas, desde o princípio, com toda a criação.

Como Criador, é óbvio, os seres humanos desfrutaram de uma posição privilegiada em toda a criação. As Escrituras nos informam que: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam” (I Co. 2:9). Em outras palavras, somos a obra prima de toda a criação.

Sua posição como rei, entretanto, era exclusiva da nação de Israel. Como rei, Ele cuidava de administrar a estrutura da sociedade, estabelecendo leis que visavam resolver as questões comportamentais, sociais, institucionais e jurídicas que eventualmente pudessem surgir. Tais leis, e aqui estamos nos referindo à questão governamental, eram válidas apenas naquela nação. Outros povos tinham seus próprios reis e, portanto, suas próprias leis.

Uma diferença logo se fez notar: nas outras nações as pessoas podiam falar diretamente com seus reis, levando a eles suas reivindicações. Em Israel, entretanto, as pessoas dependiam de terceiros, os profetas, que cuidavam de estabelecer essa comunicação. Muito provavelmente esse foi o fator dominante a despertar nas pessoas da nação de Israel o desejo de terem um rei humano.

Eles, então, foram a Samuel, o profeta da época, e lhe disseram que não queriam mais a Deus como rei. Esta história está registrada no capítulo 8 do primeiro livro do profeta Samuel. Ele ficou muito triste com a

decisão do povo de Israel mas, ao comunicá-la a Deus, este lhe disse: “Ouve a voz do povo em tudo o que te dizem, pois não rejeitaram a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre eles” (v. 7).

Nos versos 11 a 17, Deus orientou Samuel a comunicar ao povo como poderia ser difícil a vida sob a tutela de um rei humano. Samuel, então, pintou esta situação com cores bem téticas, dizendo: “Então naquele dia clamareis por causa do vosso rei, que houverdes escolhido, mas o Senhor não vos ouvirá naquele dia” (v. 18). O povo, entretanto, manteve sua decisão e, tendo deposto a Deus como rei, escolheu a Saul como primeiro rei humano.

Cada novo governante tem o seu próprio estilo, suas ideias e suas prioridades que o levam a preservar algumas leis do governo anterior, alterar outras e introduzir novas leis, sempre visando a realização de seus objetivos. É possível até que algumas dessas leis não sejam do seu agrado mas em função de aspectos culturais sejam consideradas necessárias para a manutenção do respeito e da ordem.

Um fato, porém, se sobrepõe a todos os outros: ao legislar como rei do povo de Israel, nunca foi o propósito de Deus que essas leis fossem válidas para outros povos da época ou que ainda fossem válidas em nossos dias. Por exemplo, hoje, ninguém pensaria, nem mesmo Deus, em aplicar a lei registrada no capítulo 21 do livro de Deuteronômio acerca de filhos rebeldes. Pais foram orientados a denunciar o comportamento contumaz do filho que não aceita qualquer forma de correção, e ele receberia a seguinte punição: “Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão até que morra. Assim, extirparás o mal do meio de ti e, ao sabê-lo, todo o Israel temerá” (v. 21).

Embora as leis promulgadas por Deus na qualidade de rei tenham sido exclusivas para o povo de Israel, não resta a menor dúvida que, individualmente, temos muito a aprender com a sabedoria de Deus nessa função. Sem dúvida alguma, podemos extrair ensinamentos dessas situações que podem ser de grande valia para todos nós que temos uma expectativa de construir um mundo melhor para nós e para nossos filhos.

No episódio da carta de Paulo a Filemon, é óbvio que Paulo não estava defendendo a escravidão, que era legal naquele tempo. Ora, nós somos todos instados, em qualquer tempo e em qualquer época, a obedecer as leis instituídas. Paulo desejava interceder, junto a Filemon, em favor do escravo que havia se tornado irmão, mas isso teria sido difícil se esse escravo fosse um fora-da-lei. Por isso, Paulo o aconselha a voltar ao cativo, prometendo interceder por ele junto ao seu senhor, de quem era muito amigo.

Nos dias de hoje, teria sido o dever de Paulo denunciar o homem que escravizava o seu semelhante. Este seria detido, julgado, condenado, e o escravo, liberto. Proceder de outro modo é que seria ilegal e poderia comprometer até o próprio Paulo, acusado de cumplicidade. Em nossos dias, podemos até ter alguém trabalhando para nós, mas isso terá que ser através da regulamentação das leis trabalhistas.

Assim, a questão principal acaba sendo: como distinguir, nas Escrituras, o que Deus falou como Deus e o que Ele falou como rei?

O contexto explica

A saída por excelência é a análise do contexto. Por isso, interpretar corretamente as Escrituras é de inestimável valor. Vejamos alguns exemplos: Nas Escrituras encontramos o seguinte texto: “Honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra . . .” (Ex. 20:12). Ora, é óbvio que aqui Deus fala como Deus e não como rei, porque governante algum tem o poder de prolongar a vida de um ser humano.

No capítulo 15 de Deuteronômio, a partir do verso 12, encontramos a orientação para o caso de alguém se vender como escravo para outra pessoa. Ora, aqui também é óbvio que Deus não é favorável à escravidão ou à possibilidade de alguém se vender a outrem. Como rei, Ele teve que administrar uma questão cultural do povo daquela época, trazendo uma orientação para a estrutura da sociedade daquele tempo.

Resumindo, ao falar como rei, Deus se dirigia exclusivamente ao povo de Israel. Como Deus, como Criador dos céus e da Terra, Ele se dirige aos seres humanos em geral, com quem tem por objetivo um relacionamento muito especial, que demanda uma participação consciente de ambos os lados. Eis porque não somos como os animais, prisioneiros dos seus próprios instintos.

Nós, os seres humanos, somos capazes de pensar, de raciocinar, de dialogarmos uns com os outros e, mais importante, de nos relacionarmos com Deus, entendendo os propósitos pelos quais Ele nos criou. Somos capazes de entender o mundo em que vivemos, de nos prepararmos para as eventualidades que encontramos à nossa frente e de decidir os rumos que daremos às nossas vidas.

Infelizmente, o primeiro homem fez uso indevido de todas essas características excepcionais com que havíamos sido criados. O resultado dessa ação inconsequente foi que todos nós que dele descendemos acabamos por trilhar o mesmo caminho, o que comprometeu nosso relacionamento com o Criador. Neste cenário, porém, o protagonista principal é o nosso Deus que, obviamente, não permitiria que seus objetivos com a criação fossem frustrados. Por isso, Ele não mediu esforços e “enviou seu filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo. 3:17). Jesus veio, morreu na cruz do Calvário, para remissão dos nossos pecados, e ressuscitou ao terceiro dia, abrindo-nos o caminho para a vida eterna na presença de Deus.

Entendendo melhor as Escrituras

Assim, vemos que não há qualquer razão para considerarmos a Bíblia um livro que precisa ser atualizado, mas entendido em sua ampla visão de formação, desenvolvimento e preservação de um povo, de onde viria, mais tarde, o Messias. Insistir na tese da necessidade de atualização é flertar com a possibilidade de desenvolver heresias cada vez mais significativas. O mundo foi criado perfeito porque Deus é perfeito e toda e qualquer condição que se afasta dessa perfeição é uma consequência do pecado que se abateu sobre toda humanidade.

Na mensagem a que nos referimos no início deste artigo encontramos, aos 45 minutos do vídeo postado no link <https://youtu.be/QlgaENPto2U>, as seguintes palavras: “Se a Igreja quer ser carta para o Novo Mundo, nós vamos precisar atualizar a Escritura e vamos ter que ter a coragem de enfrentar os pecados de gênero de nossa sociedade, de enfrentar a questão da homossexualidade, da homoafetividade e dos gays que frequentam as nossas comunidades, que estão dentro das nossas comunidades mas continuam sendo condenados ao inferno por causa de dois ou três textos bíblicos que não foram atualizados”.

Esta afirmação reflete um total equívoco em relação ao contexto histórico a que aqui nos referimos, ou a uma segunda intenção na tentativa de validar a prática homossexual. É totalmente falsa a afirmação de que alguém esteja sendo condenado ao inferno por causa de dois ou mais versos que não foram atualizados.

Além disso, há um erro crasso naquela sua exposição que não é de teologia, mas de lógica. Quando se refere à orientação de Paulo a Filemon, no que diz respeito ao servo fugitivo, ele valida a atitude de Paulo e até a traz para nós, como orientação para os nossos dias. Em outras palavras, aqui a Bíblia não precisa ser atualizada. Entretanto, quando se refere ao homossexualismo, que o mesmo Paulo condena em sua carta

aos romanos, verso 27 do capítulo 1, ele assume outra postura, advogando uma atualização para esse texto. Afinal, a Bíblia precisa ou não ser atualizada? E se há textos que precisam ser atualizados e outros que não demandam esta ação, quem seria o atualizador das Escrituras?

O que as Escrituras nos dizem é que a humanidade toda foi condenada porque “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm. 3:23). Mas essas mesmas Escrituras seguem em frente, afirmando que todos podemos ser “justificados gratuitamente, pela redenção que há em Cristo Jesus” (Rm. 3:24).

Quando nos arrependemos dos nossos pecados e depositamos nossas vidas aos pés da cruz do Calvário, temos o rumo de nossas vidas definitivamente alterado e o que nos aguarda daí em diante é a vida eterna na presença de Deus. Não nos tornamos, de imediato, perfeitos e, vez por outra, acabamos tropeçando, mas a verdade é que não estando mais sob o domínio do pecado, esses momentos nos trazem angústia e tristeza por não termos correspondido aos anseios do nosso Criador.

Quando Deus criou os seres humanos, ele os fez macho e fêmea, nas pessoas de Adão e Eva, e ordenou a eles que se reproduzissem, orientação esta que foi passada a todos os que deles descenderam. Ele não criou qualquer outro gênero de seres humanos e tampouco disse que, uma vez nascidos, poderíamos escolher ser homens ou mulheres (Solicite nosso artigo sobre Ideologia de Gênero). Um homossexual poderia querer se justificar dizendo não ter escolhido ser uma pessoa que tem atração sexual por pessoas do mesmo sexo. Este mesmo argumento, entretanto, poderia justificar a pedofilia, porque o pedófilo também não escolheu ser uma pessoa que só tem atração sexual por crianças, inclusive por bebês.

Conheci, ao longo de 40 anos de estrada ministerial, três pastores que haviam sido homossexuais, cujos nomes, por razões óbvias, serão aqui omitidos. O primeiro disse que, ao se converter, um milagre aconteceu e ele nunca mais teve atração sexual por pessoas do mesmo sexo. Posteriormente foi para o seminário, casou-se, tem 3 filhos e é pastor de uma igreja evangélica.

O segundo confessou que nunca deixou de sentir atração por pessoas do mesmo sexo. Ele também foi para o seminário, casou-se, tem dois filhos, é pastor de uma igreja evangélica e confessou que nunca houve reincidência na questão homossexual, que vigia o tempo todo, não dando lugar para esse tipo de pecado.

O terceiro disse que, apesar de continuar sentindo atração sexual por pessoas de mesmo sexo, também nunca mais praticou o homossexualismo. E não sentindo atração por pessoas do sexo feminino escolheu ser celibatário.

Conversando com o segundo, sobre suas dificuldades em relação a essa questão do homossexualismo, ele me disse que o segredo para vencer este obstáculo nos foi dado pelo próprio Deus, depois que Caim se sentiu menosprezado quando comparado ao seu irmão Abel. Dialogando com Caim, as Escrituras registram que Deus lhe disse as seguintes palavras: “Se procederes bem, não serás aceito? E se não procederes bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar” (Gn. 4:7).

Conclusão

Para concluir, diante de tudo que até aqui dissemos, a Bíblia não é um livro insuficiente e, tampouco precisa ser atualizado. Infelizmente, algumas pessoas em nosso meio têm se valido de sua cultura, inteligência e preparo intelectual, fazendo uso indevido de alguns textos para traçar um outro rumo distinto daquele que todos aprendemos a abraçar. E nisso, diga-se de passagem, algumas pessoas parecem imbatíveis na tarefa de construir argumentos que muitos consideram a verdade plena das Escrituras mas

que só prevalecem ante um melhor exame desses mesmos argumentos, quando então desmoronam fragorosamente.

O presente caso aqui analisado é, por excelência, exemplo do que acabamos de descrever, e que parece ter como objetivo a apresentação de uma concepção mais do que liberal das Escrituras, anulando completamente o propósito para o qual elas nos foram dadas.

Christiano P. da Silva Neto
christiano@impacto.org
BH, novembro de 2020

Sobre o autor: O Prof. Christiano é professor universitário, pós-graduado em Ciências pela University of London. Ao longo de seus anos de magistério, foi professor de três importantes universidades brasileiras, tendo sido sua última colocação a Universidade Federal de Viçosa, em MG. Atualmente é membro da Igreja Batista do Barro Preto, em Belo Horizonte. Profissionalmente, o Prof. Christiano é presidente da ABPC - Associação Brasileira de Pesquisa da Criação, ministério criacionista para o qual foi chamado na década de 70.